

A GRANDE VAIA

Bernardo Mata-Machado (1)

O teatro é uma arte efêmera e política. É efêmera porque não dura mais do que uma temporada e às vezes, como naquela noite de 1983, pode durar algumas poucas horas. E, mesmo assim, se tornar inesquecível. É arte política em sentido amplo, como expressão do poder ideológico, que se exerce pela difusão de ideias capazes de influenciar a conduta da sociedade, ou ao menos de parcela dela. Nas artes as ideias têm conteúdo e forma. No teatro o texto e a encenação traduzem este encontro, que é mais complexo do que parece, porque no texto há também forma e nesta os conteúdos estão igualmente presentes. A junção entre efemeridade e expressão de ideias faz com que o teatro seja sempre uma resposta às conjunturas política, econômica, social, cultural e existencial. E é nisto que está o segredo do sucesso de um espetáculo. Quando ele responde às expectativas provocadas pela conjuntura, o público agradece e aplaude. E pode também vaiar, como naquela noite...

Em 1983, um fato e três movimentos da sociedade agiam sobre a conjuntura. Fato: o julgamento de um dos homens que três anos antes haviam assassinado violentamente suas esposas, acontecimento que gerou o movimento *Quem Ama Não Mata*, encabeçado por mulheres de Belo Horizonte, que alcançou repercussão nacional. Os dois outros movimentos eram mais antigos: a luta contra a ditadura civil-militar, implantada no Brasil em 1964, movida principalmente por estudantes e operários, e o movimento mundial da contracultura, que desde a década de 1950 vinha provocando mudanças comportamentais em diversos campos da vida.

O movimento estudantil destacou-se em 1968, ano que assistiu a uma onda de rebeldia poucas vezes vista na história e que atingiu cerca de 40 países. No Brasil o principal adversário era a ditadura,

que ainda naquele ano reagiu e promulgou o Ato Institucional nº 5 (AI-5), que tornou o regime ainda mais duro e sufocou as manifestações (2). Parte das lideranças estudantis optou então pela luta clandestina e muitos tiveram de enfrentar prisão, tortura, exílio e morte. Aliado à luta contra a ditadura estava o movimento operário, que logo depois do golpe havia promovido greves contra o arrocho salarial imposto pela política econômica do governo, tendo sido também duramente reprimido.

A contracultura (3), que eclodiu no mundo nas décadas de 1960/70, também chamado movimento *hippie*, colocou em xeque tudo o que na época era chamado de “sistema”: o poder patriarcal dos homens sobre as mulheres, a família nuclear, a repressão sexual, o consumismo, a burocratização da vida, o trabalho alienado, a desumanização das cidades, a guerra nuclear, os preconceitos raciais e étnicos, a medicina alopática, a alimentação com base na carne animal, a moral puritana e a destruição da natureza. Por ter este caráter geral a contracultura incorporou e revitalizou movimentos já existentes, como o ambientalismo, o feminismo e o pacifismo. Os movimentos estudantil e da contracultura tinham pontos em comum: o protagonismo da juventude de classe média, a ânsia de liberdade e o sonho de mudar o mundo.

Em 1983 o país já vivia o processo de transição da ditadura para a democracia, iniciado em 1974 com uma abertura política “lenta, gradual e segura”, como queriam os militares. O movimento estudantil já se revitalizara e os operários haviam surpreendido o país com as greves de 1980 e o novo sindicalismo.

Nas artes, a efervescência que perpassou o Brasil, a partir da década de 1950 (movimentos como a Bossa Nova e o Cinema Novo trazem no próprio nome o signo da ruptura), foi um fenômeno que nem mesmo o golpe de 1964 foi capaz de deter. A repressão desencadeada inicialmente sobre o mundo político chegaria de forma mais intensa à cultura somente após o AI-5 (em dezembro de 1968), por meio do recrudescimento da censura, braço do regime

especializado na perseguição às artes. Mas até mesmo neste período, os artistas foram capazes de driblar a repressão. Com gosto pelo paradoxo e capacidade de transmitir mensagens de forma cifrada, ambígua e metafórica, os artistas confundiam a censura. Esta habilidade, contudo, não foi suficiente para evitar a prisão e exílio de alguns artistas e nem a proibição de livros, filmes, textos e espetáculos teatrais, exposições de artes plásticas e letras de músicas. Entre 1968 e 1974, quando a imprensa e a universidade, o legislativo e o judiciário, os partidos e os sindicatos estavam cerceados e limitados em seu poder, as artes ocuparam na prática o lugar da política e alguns artistas viram-se transformados em líderes da oposição. Obstruídos os canais institucionais de representação e expressão política, as manifestações artísticas se tornaram válvula de escape dos inúmeros descontentamentos.

O teatro de Minas Gerais e de Belo Horizonte refletiu a conjuntura dos diversos períodos. O primeiro sopro de renovação foi lançado em 1959 com a criação do Teatro Experimental (TE) por Carlos Kroeber (4), João Marschner (5) e Jota Dângelo (6). O grupo dedicou-se inicialmente à montagem de autores europeus de vanguarda, entre eles Beckett, Ionesco, Arrabal e Guelderode. A partir de 1966 o TE adotou uma postura que combinava engajamento político e temática regional mineira. Dois espetáculos, *Oh! Oh Oh! Minas Gerais*, de Jonas Bloch (7) e Jota Dângelo (1967) e *Numância*, de Cervantes, este com direção de Amir Haddad (8) (1968) são os mais representativos desta fase. Ainda em 1968 o Grupo Geração, fundado por José Antônio de Souza e Eid Ribeiro, entra firme no clima político e monta *Se Correr o Bicho Pega, Se Ficar o Bicho Come*, de Oduvaldo Viana Filho (9) e Ferreira Gullar (10). A opção por um texto de autor brasileiro refletia uma tendência que vinha desde 1958, quando o Teatro de Arena, de São Paulo, introduziu no palco, com *Eles não usam Black-tie*, de Gianfrancesco Guarnieri (11), a estética e a temática nacional-popular, com forte conteúdo político e social. Esta mesma perspectiva iria inspirar, nos primeiros anos da

década de 1960, os Centros Populares de Cultura (CPCs), criados em todo o país pela União Nacional dos Estudantes. Em Belo Horizonte, Eid Ribeiro (12) participara de espetáculos do CPC local, que costumava subir às favelas para encenar peças que denunciavam a exploração capitalista. Na montagem mineira de *Se Correr o Bicho Pega...* o cartaz ostentava um gorila (animal na época identificado com os militares), carregando um estandarte que imitava os utilizados pela famigerada Tradição, Família e Propriedade (TFP), entidade que apoiara o golpe de 1964 e fazia propaganda ideológica na ruas do centro de Belo Horizonte. Durante a temporada a TFP promoveu manifestações contra o espetáculo, chegando a fazer ameaças físicas ao elenco.

Ainda na linha da radicalização política e estética, o Teatro de Equipe, grupo dirigido por Paulo César Bicalho (13), montou, em 1969, *A Noite dos Assassinos*, do cubano José Triana. O espetáculo ficou famoso por exibir a primeira cena de nudez do teatro mineiro, protagonizada pela atriz Maria Olívia. Em 1976, reunindo resistência política, experimentação estética e contracultura, Eid Ribeiro monta o espetáculo que sintetiza o período: *Risos e Facadas*, baseado em textos de Samuel Beckett. No elenco a presença marcante de Ronaldo Brandão, ator, diretor de teatro e crítico de cinema.

Nas décadas de 1970/80 formaram-se vários grupos que combinavam o compromisso político com a experimentação de linguagens cênicas, destacando-se: Grupo da AMI (Associação Mineira de Imprensa), Oficina Multimídia, Companhia Sonho e Drama e os grupos Galpão, Kuzala e Ponto de Partida, entre outros. Embora possuindo suas lideranças, predominava entre eles o espírito de grupo. Era comum ler nos cartazes e programas dessa época o termo “criação coletiva”, que identificava a autoria dos espetáculos.

O processo de transição da ditadura para a democracia foi aos poucos desobrigando os artistas de cumprir o exercício involuntário

de liderança política contra o regime, cedendo espaço para que a experimentação formal, que é transformadora por si mesma, ocupasse o centro das atenções. A trajetória do Grupo Galpão espelha este processo, mas há um espetáculo que o sintetiza: O Encontro Marcado, de 1982, adaptação teatral do romance de Fernando Sabino (14), com texto e direção de Paulo César Bicalho. A montagem teve enorme sucesso e recebeu vários prêmios, entre eles o de melhor ator adulto.

Foi com o terno que usara no segundo ato do Encontro Marcado que cheguei naquela noite de 1983 à igreja São José, onde se desenrolaria o julgamento simulado do assassino de Eloisa Ballesteros (15), uma das mulheres vítimas de seus maridos nos meses de junho e julho de 1980. Em agosto daquele ano, fora no adro da mesma igreja que se realizara a manifestação de protesto contra os assassinatos, ato fundante do movimento *Quem Ama Não Mata*. Em novembro de 1983, fui convidado para representar o papel de advogado de defesa do assassino e, logo que cheguei ao local, encontrei a jornalista e atriz Mirian Chrystus (16), figura central na organização dos dois atos. Um ano antes ela representara o papel da esposa de Eduardo Marciano, personagem do romance de Fernando Sabino que eu encarnava no palco.

A escadaria da igreja São José estava lotada. O público se apinhava também em frente ao pequeno palco, frontal às escadas. O conjunto parecia compor um teatro de arena ou, com alguma imaginação, um cenário da Grécia Antiga. Não me lembro dos detalhes, o que sei é que eu e Elvécio Guimarães (17), ator que iria representar o advogado de acusação do assassino, tínhamos tido contato com o texto de Thaís Guimarães (18) dias antes e não havíamos feito nenhum ensaio. Para minha sorte, a atriz e produtora do Encontro Marcado, Matilde Biadi (19), postou-se com o texto rente ao palco para cumprir a missão salvadora de *ponto*. Não sei quem falou primeiro, só me lembro de ter tomado a palavra com o ouvido

atento ao *ponto*. Em determinado momento, habituado que estava aos humores do público, após mais de 100 apresentações do Encontro Mercado, meu *timing* de ator prevaleceu e abandonando o texto encerrei com o grito: QUEM AMA MATA!

Poucos atores confessam, mas todos adoram os aplausos. E, naquela noite, o entusiasmo do público veio através de uma longa e retumbante vaia, que expressava a indignação com a morte violenta daquelas mulheres, mas também com os argumentos que o advogado manejava - entre eles o da famigerada “*legítima defesa da honra*” ... dos machos, diga-se de passagem.

Saí feliz daquele evento, consciente de ter cumprido minha função de ator. E aqueles “aplausos” ficaram marcados na minha memória. Hoje me fazem lembrar o que o grego Aristóteles disse sobre o efeito da Tragédia no público: a **catarse**, que mistura emoção e convicção. E convida à ação.

NOTAS -

- (1) **Bernardo Novais da Mata Machado (1954 -)** - Historiador, cientista político, ator e diretor de teatro. Possui graduação em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (1976) e mestrado em Ciência Política pela mesma universidade (1985). Em 2018 aposentou-se como pesquisador da Fundação João Pinheiro, onde ingressou em 1977. Ali foi professor da Escola de Governo da Fundação João Pinheiro (desde 2015) e Diretor de Cultura, Turismo e Economia Criativa da mesma instituição. Na Ciência Política especializou-se em Política Cultural e como historiador na história econômica, política, social e cultural de Minas Gerais. Entre 1993 e 1996 foi secretário municipal adjunto da Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte. Entre 2002 e 2014 ocupou várias funções de alto nível junto ao Ministério da Cultura - MINC.
- (2) **Ato Institucional nº 5**, AI-5, baixado em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva, foi a expressão mais acabada da ditadura militar brasileira (1964-1985). Vigorou até dezembro de 1978 e produziu um elenco de ações arbitrárias de efeitos duradouros. Definiu o momento mais duro do regime, dando poder de exceção aos governantes para punir arbitrariamente os que fossem inimigos do regime ou como tal considerados.
- (3) **Contracultura** refere-se a um movimento libertário de contestação, surgido na década de 1960 nos Estados Unidos. Rompeu com diversos padrões morais e culturais, ao contestar de forma radical comportamentos da cultura dominante.

Espalhando-se para além das fronteiras norte-americanas através da música, do teatro, da pintura, amparando o deslocamento de grandes grupos em busca da *vida comunitária* e criação de slogans inesperados. Expressava a rebeldia e insatisfação anti-racista, anti-guerra do Vietnã, anti-sistema (*black is beautiful// negro é lindo; make love, not war// faça amor, não faça guerra; Peace & Love//Paz e Amor*). Unia conceitos extraídos da filosofia hindu e oriental com noções buscadas nos manuais anarquista e socialista, amalgamando psicanálise, arte, psicodelismo e naturismo.

- (4) **Carlos Henrique Kroeber (1934-1999)** Filho de imigrantes alemães foi um ator de destaque no teatro, cinema e televisão. Seu primeiro trabalho na vida artística foi em 1968, no filme *O Homem Que Comprou o Mundo*, no qual interpretou um senador; nos dois anos posteriores, esteve nos longas *A Navalha na Carne* e *É Simonal*. Por outro lado, sua estreia na televisão só ocorreu em 1976, na telenovela *Estúpido Cupido*, da emissora Rede Globo, em que viveu Frei Damasceno. Seu último trabalho como ator foi em *Torre de Babel*, quando interpretou Navarro.
- (5) **João Marschner (1932-2002)** Jornalista mineiro, descendente de alemães, trabalhou no jornal O Estado de São Paulo, mas mudou-se para a Alemanha após o acirramento das perseguições políticas em 1968, com a promulgação do AI-5. Na Alemanha, trabalhou na Deutsch Welle como redator. Voltou ao Brasil em 1997.
- (6) **Jota Dângelo (1932-)**, Ator e diretor de teatro, médico e professor da **Faculdade de Medicina da UFMG**, foi o primeiro presidente da CONFENATA (Confederação Nacional do Teatro Amador), criada por iniciativa do Serviço Nacional de Teatro do Ministério da Cultura; Membro do Conselho Estadual de Cultura de 1978 a 1982; Superintendente da Fundação Clovis Salgado em 1983, quando criou o Teatro Ceschiatti, no Palácio das Artes. Atualmente residindo em São João del-Rei, é o Presidente da Fundação Cultural Campos de Minas, responsável pelo funcionamento da TV Campos de Minas, uma TV Educativa e Cultural da região.
- (7) **Jonas Bloch (1939-)** De origem judaica e ucraniana iniciou a carreira artística em 1958. Sua estreia na televisão foi em 1969, atuando na telenovela *Algemas de Ouro*, transmitida pela RECORD TV. Posteriormente, atuou em diversas produções da Rede Tupi, até chegar a Rede Globo, onde atuou em diversas produções de destaque.
- (8) **Amir Haddad (1937-)** Nascido em Guaxupé (MG), sua família é descendente de árabes, de religião Ortodoxa. Ator, professor, diretor de teatro e teatrólogo do Rio, onde vive há décadas . Reconhecido internacionalmente, desenvolve uma série de atividades didáticas nas artes cênicas, como oficinas, seminários e cursos. Torna-se um diretor único por sua capacidade de transitar entre o teatro tradicional e as produções populares.
- (9) **Oduvaldo Vianna Filho (1936-1974)** Também conhecido como **Vianinha**, foi um dramaturgo, militante comunista, ator e diretor de teatro e televisão brasileiro. Participante ativo do Teatro de Arena, fundador do Centro

Popular de Cultura da UNE e do Grupo Opinião, tem sua dramaturgia marcada pela exposição da realidade brasileira através do homem simples e trabalhador, em contraposição à hegemonia cultural estrangeira. Entre suas obras de maior sucesso encontra-se a série de televisão *A Grande Família*.

- (10) **Ferreira Gullar ou José Ribamar Ferreira (1930-2016)** foi um escritor, poeta, crítico de arte, biógrafo, tradutor, memorialista e ensaísta brasileiro e um dos fundadores do neoconcretismo. Foi o postulante da cadeira 37 da Academia Brasileira de Letras, na vaga deixada por Ivan Junqueira, da qual tomou posse em 5 de dezembro de 2014. Gullar foi reverenciado pelos maiores poetas e escritores brasileiros de sua geração.
- (11) **Gianfrancesco Sigfrido Benedetto Martinenghi De Guarnieri (1934-2006)** Um artista de destaque no Teatro de Arena de São Paulo, sua mais importante obra é *Eles Não Usam Black-Tie*. Em 2006, foi homenageado na 18ª edição do Prêmio Shell de Teatro de São Paulo, por sua contribuição ao teatro brasileiro.
- (12) **Eid José Ribeiro Aguiar (1943-)** Diretor, autor, roteirista e ator. Destacado como um dos mais inventivos diretores mineiros é curador e diretor de programação do Festival Internacional de Teatro Palco & Rua em Belo Horizonte.
- (13) **Paulo César Bicalho Franco (1939-)**. Diretor, pesquisador, professor, autor, iluminador e cenógrafo. Conhecido pela ousadia de linguagem em seus espetáculos e pela criatividade como diretor de teatro, foi também, por longo período, diretor do Colégio Técnico da UFMG. É pesquisador dos processos e métodos sobre o trabalho do intérprete.
- (14) **Fernando Sabino (1923-2004)** Escritor mineiro celebrado no Brasil e no exterior, jornalista, cronista e editor.
- (15) **Eloísa Ballesteros (1954 -1980)** Empresária do ramo de confecções nascida em Belo Horizonte (MG) foi assassinada em 26/07/1980 pelo ex-marido, o engenheiro, Márcio Stanciulli, com cinco tiros. O episódio ficou conhecido como "O Crime da Mansão da Pampulha". Durante o julgamento, feministas protestaram do lado de fora do tribunal e a seção interrompida, quando o advogado culpou a vítima, invertendo os fatos, afirmando que, seu cliente caíra na sedução de Eloísa e que ele foi bobo, porque poderia ter batido na esposa, ao invés de matá-la. Durante a leitura da sentença, as mulheres gritaram: "Chega!".
- (16) **Mirian Chrystus de Mello e Silva (1953-)** Jornalista e professora aposentada do Departamento de Comunicação Social da UFMG, é doutora em Estudos Literários (UFMG, 2007) e mestre em Comunicação (UFMG, 2002), graduada em Comunicação Social (UFMG, 1979). É uma das lideranças e coordenadora do movimento *Quem Ama Não Mata* em Belo Horizonte.
- (17) **Elvécio Guimarães (1933-2016)** Ator e diretor de teatro. Fez papel de uma testemunha do crime que depôs no processo.

- (18) **Thais Guimarães (1961-)** Poetisa, escritora e produtora cultural. Thaís Guimarães participava à época do grupo do CDM (Centro de Defesa dos Direitos da Mulher, conf. conta em vídeo neste website). Foi dela a pesquisa nos autos do processo que resultou no espetáculo apresentado na ocasião.
- (19) **Matilde Biaggi (1945-)** Produtora cultural e atriz.